

Investigando a Prática de Salas de Guerra na Solução de Problemas Críticos em Sistemas de Software

Transcrição da entrevista

Entrevistado-9-P9	
[Entrevistado]	Show de bola.
[Pesquisador Q1]	Aí vou começar aqui com as perguntas. Bom, vamos lá. A primeira pergunta de nosso estudo é baseada no método de associação livre, em que o entrevistado precisa responder aquilo que vem imediatamente à sua mente. Podem ser palavras ou pequenas expressões. O importante é...
[Entrevistado]	Peraí, deu uma travadinha.
[Pesquisador]	Oi? Deu uma travada?
[Entrevistado]	Tá dando uma travadinha aqui, não sei se é aqui ou aí. Tem muita coisa aberta aqui.
[Pesquisador]	Coisa aberta, né? Quer que eu repita?
[Entrevistado]	Sim, sim, por favor. Deu uma travada.
[Pesquisador Q1]	Vamos lá. A primeira pergunta de nosso estudo é baseada no método de associação livre, em que o entrevistado precisa responder aquilo que vem imediatamente à sua mente. Podem ser palavras ou pequenas expressões. O importante é... O que vier na mente seja dito na ordem que veio. Não existe resposta certa ou errada. Tranquilo? Posso fazer a pergunta?
[Entrevistado]	Pode fazer.
[Pesquisador Q1]	Vamos lá. [nome omitido] me diga até cinco palavras, até cinco palavras, o que vem imediatamente à sua mente quando você pensa em sala de guerra?
[Entrevistado]	Sala de guerra?
[Pesquisador Q1]	Até cinco palavras, o que vem na sua mente quando fala sala de guerra. O que vem na sua mente?
[Entrevistado]	Competência, Conhecimento, Contribuição, Networking. Foi três, não é?
[Pesquisador]	Já foram quatro. Já foi competência, conhecimento, contribuição, network. Quer falar uma quinta?

[Entrevistado]	Acho que... Levando em consideração todos esses pontos em mente, sem pensar aqui rapidão, vamos puxar mais uma, puxa. Metodologia.
[Pesquisador Q1]	Beleza. Bom, agora, por favor, procure justificar por que você entende que associa as palavras, no caso, competência, se você quiser, eu repito, competência, conhecimento, contribuição, network, metodologia à sala de guerra. Pode pensar para responder, tá?
[Entrevistado]	Perfeito. Geralmente, né, esse termo eu já ouvi bastante, ele tem respeito, né, na minha vida profissional. Eu relaciono ele com relação a uma squad. E, geralmente, essa squad, ela é definida, né, com base nos seus ideais. Então, levando em consideração isso, eu acho que todo squad, né, tem que trazer consigo, né, os profissionais que estão inseridos dentro dela, né, profissionais competentes, né, detentores do conhecimento, né, que tem as redes de contato, né, dentro da própria squad, dentro da própria rede, até mesmo dentro da própria empresa, né, network nessa rede de contato, ela soluciona muito problema, né, às vezes você tem muito problema que, às vezes, você não sabe resolver, então você tem que ter essa rede ali dentro, para saber, às vezes, procurar alguma ajuda, trocar uma ideia, um bate-papo, para aprender do próprio, né, e metodologia seria o método que você está aplicando, né, para resolver determinado problema. Então, eu acho que, não sei se faltou um ou não, mas eu acho que, intercalando tudo o que eu mencionei, né, eu acho que, pelo que eu entendi, sala de guerra, né, que é um termo que eu já venho consequente durante a minha carreira, seria isso, né, você montar uma squad, ou até mesmo um time, né, às vezes, surge um problema urgente ali, né, você precisa de profissionais, né, que estejam qualificados para até exercer no tal papel, né, então, às vezes, a gente monta ali na hora, então, eu acho que isso traz consigo essas competências aí que eu mencionei. É o próprio nome que eu citei também.
[Pesquisador Q2]	Maravilha. Agora, a segunda pergunta, fale sobre a sua experiência em sala de guerra, voltada para resolver problemas críticos de software e produção. Quer que eu repita a pergunta?
[Entrevistado]	Não, não. Levando em consideração, né, eu vou citar um exemplo que foi me colocado, eu sempre trabalhei mais com a parte de sustentação, mas eu vou focar mais, assim, no ponto de um projeto e na parte de sustentação em projetos. Em questão de solução, foi colocado para a gente, a gente trabalha com prazos, né, utilizando as metodologias, tanto no caso, né, Scrum, então, a gente trabalha, vamos supor, dependendo do que for alocado lá na metodologia ágil, né, então, dirigidas as task para a gente e a

	<p>gente tinha que analisar, né, a implementação, né, através do Figma e, através do Figma, a gente vê uma maneira, né, de qual seria a solução mais rápida de implementar aquilo ali, né, então a gente divide tudo certinho, vê, né, as ferramentas que vão ser utilizadas, as tecnologias que vão ser utilizadas, então, acaba que isso aí a gente tem que ter tudo planejado, né, então isso tem que ser dirigido, né, pelo quem está supervisionando o projeto e acabou que a gente teve alguns impedimentos, né, durante esse processo, né, que aí a gente estava fazendo meio que uma migração, né, de um, que já era de uma aplicação que estava em outra linguagem para passar para essa nova linguagem, no caso era de era de Python para C Sharp. E aí a gente teve que refazer todo o processo ali, então a gente teve que trocar alguns pontos, né, então a gente estava usando ali, basicamente, front-end com Angular, né, então todo esse momento a gente teve que trocar uma ideia, fazer um, meio que uma troca de ideias ali, para ver o que seria melhor para a gente estar fazendo. Então, é meio que uma tempestade de ideias, né, seja no próprio termo, né, então a gente trocava um brainstorm. E, levando em consideração a isso, né, que foi dividido, a gente ficou com dois front-end e três backs, né, demandado, e a gente foi aplicando, sim, então, a gente ia intercalando nesses pontos para desenvolver a aplicação. Não sei se foi falar mais da arquitetura, né, se for falar da arquitetura eu posso estar comentando a respeito.</p>
[Pesquisador]	<p>Não, fica à vontade, o que você quiser comentar é livre, não tem problema não, tá?</p>
[Entrevistado]	<p>Com relação à arquitetura, né, então a gente utiliza lá a arquitetura de Solid, né, que é a arquitetura de Solid para fazer divisão, né, tanto de implementação, seja ela para o banco de dados e as validações, então a gente faz essa separação, né, da arquitetura em si, juntamente, né, utilizando classes, né, vamos supor, a classe DTO, para não sobrecarregar basicamente o sistema, só usar aquela classe às vezes para fazer uma visualização, né, para alguma coisa, se você estiver mexendo com API, microservices, então a gente utiliza essa parte, assim, junto com a arquitetura de utilizando o Solid, né, então seria mais ou menos por esse método, né, então foi muito usado isso nesse projeto, foi uma discussão bastante, porque a gente trouxe essa melhoria, né, do projeto que estava lá, né, em Python, para o C Sharp, né, que eu acho que estava muito bagunçado, então a gente teve que implementar todas essas novas ferramentas, tecnologias, ideias, né, até mesmo na parte de testes, né, utilizando o TDD, utilizando o TDD e o BDD, né, que não fazia para tantos testes automatizados ali que a gente realizava a partir das aplicações que a gente fazia, que a gente tinha que tanto fazer e realizar os testes automatizados.</p>

[Pesquisador Q3]	Sim, sim, maravilha. A próxima pergunta, por favor, fale sobre a sua experiência mais recente em sala de guerra, voltada para resolver problemas críticos de software e produção. Se você quiser eu posso repetir, tá?
[Entrevistado]	Não, não, tranquilo. A mais recente foi há pouco tempo, né, na empresa em que eu estou situado, foi com relação a fluxo, né, a empresa em que eu estou situado agora eu não detenho muito conhecimento com relação a fluxo, então a gente teve que colar bastante no pessoal que tinha esse entendimento e o pessoal, tipo assim, ensinando, então era meio que correria, não tem tempo para ensinar, né, então a gente vai aprendendo ali no meio da correria, né, o pessoal já cobrando, entendeu, tem prazo de entrega, tem uns deadline, né, então aí o deadline está bem em cima ali, então acaba que eu tive que aprender como funciona o fluxo, a determinada fluxo, cada fluxo é diferente, né, pessoal da programação, da software que a gente faz lá, né, então basicamente foi isso, foi mais com relação a fluxo, aí esse fluxo, como é que eu te explico, é porque na aplicação a gente tem, que eu não posso dar muitos detalhes, né, por questões burocráticas aqui da empresa, mas, né, fluxo é tipo uma espécie de coisa que a gente tem, né, vinculado a nossa aplicação aqui, né, então meio que realmente é um fluxo mesmo, tem como mexer pelo código, né, mas o próprio sistema da gente lá permite que a gente otimize isso através desses fluxos, né, então seria basicamente isso.
[Pesquisador Q4]	Maravilha, a próxima pergunta, qual foi o seu papel e responsabilidade nessa sala de guerra?
[Entrevistado]	Nessa sala de guerra, né, eu acho que, levando em consideração tudo o que a gente está conversando aqui, a gente nunca teve uma pessoa, vamos supor, um chefe dentro dos desenvolvedores ali, em específico, a gente sempre tem uma pessoa que comanda, né, a nossa squad ali, mas nunca atribuída, ah, você vai ficar encarregado disso daqui, não, ali todo mundo participa, ali todo mundo dá ideia, todo mundo se propõe uma solução, né, que seja viável, né, para estar colocando, e todo mundo ali aprende um com o outro, então não tem uma posição muito específica ali, eu diria que foi mais todo mundo mais ali voltado para resolver o problema mesmo.
[Pesquisador Q4]	Não teve um papel específico no caso?
[Entrevistado]	Não teve um papel específico, todo mundo ali com um objetivo em comum.
[Pesquisador Q5]	Maravilha, a próxima pergunta, como a equipe, sempre fazendo menção, pode fazer menção a essa última experiência tua, tá, para

	ficar mais fácil para você desenvolver suas respostas. Como a equipe na sala de guerra foi estruturada ou organizada?
[Entrevistado]	Ela foi organizada de maneira, né, proposta através de ritos, né, que são passados, então é proposta, né, vamos supor, é o que o pessoal acha melhor, vamos supor, é se dividir em equipe, cada um dando a ideia e trabalhando, separar, né, e cada um e fazer, pensar em alguma coisa, né, então a pessoa que designou, né, seria o nome do propriamente dito, essa tarefa perguntava, né, para as pessoas responsáveis o que seria mais eficiente, então pedindo a colaboração de todos, né, então às vezes como a gente tem mais conhecimento a respeito do que vai ser feito, né, cabe a nós saber o que é bom para estar otimizando o processo, né, então a pessoa designou, deu opções para a gente, então através dessas opções a gente escolheu uma dessas opções e começou a trabalhar lá em cima.
[Pesquisador Q6]	Que papéis, a próxima pergunta, que papéis havia na equipe da sala de guerra?
[Entrevistado]	Existia, né, uma pessoa que no caso ela seria como, vou colocar como um PM, né, um mediador ali, né, que é um mediador e existem as pessoas que são os desenvolvedores ali, né, nessas quais a gente não tem nenhuma outra função, seria só como a gente trabalha com sustentação, né, não tem muito o que se colocar, né, não posso dar outros detalhes, mas a gente só trabalha com os desenvolvedores ali em si, nessa equipe.
[Pesquisador Q7]	Tá, a próxima pergunta, qual foi o principal desafio que você enfrentou nessa sala de guerra e como lidou com essa situação?
[Entrevistado]	O principal desafio, que foi o principal mesmo que pegou, né, porque eu estava muito recente, né, alocado ali, foi a falta um pouco de conhecimento, né, porque ele não demandava mais, não demanda só apenas o conhecimento técnico de programação, né, esse software lá, ele demanda muito conhecimento de regra de negócio, então regra de negócio você não se aprende, você, querendo ou não, você aprende, mas você tem que ir na prática, não tem como a pessoa te ensinar, então eu acho que foi realmente ir aprendendo, porque peguei meu comboio ali no meio do caminho, né, então o pessoal estava falando uma coisa e eu, pô, mas o que serve isso aqui?
[Pesquisador Q7]	E como é que você lidou com essa situação?
[Entrevistado]	Então eu lidei, assim, eu tive que, né, buscar, né, através de documentações, né, então a gente teve que, tem muita gente, muito pessoal ali, até mesmo os desenvolvedores, né, criam

	documentações a respeito daquilo ali, então no meio do caminho ali, né, vamos pô, fez uma reunião, aí parou para o almoço, aí vamos ver essa documentação aqui, vamos ver se realmente o cara está falando ali a verdade, né, se é aquilo ali mesmo, pra mim pegar um pouco ali, um pouco de senso do que ele está falando, né, aí não somente documentação, fui ver o código para ver se estava batendo, né, porque como eu falei, tem esse fluxo, mas o fluxo é denominado pelo código, né, então você pode alterar tanto no código quanto no fluxo, não é somente só ali, coisas de mexer, fazer uma manutenção no API, né, ou até mesmo um problema, a gente tem mais problemas com relação a essa parte de fluxo mesmo.
[Pesquisador Q8]	Ok, A próxima pergunta, como você entende que a solução para o problema tratado na sala de guerra foi alcançado e por quê?
[Entrevistado]	Ele foi alcançado, né, pelo fato, né, de termos pessoas realmente capacitadas dentro dessa sala de guerra, né, no caso pessoas que tinham muito tempo de bagagem, né, assim, consigo ali naquele momento, de regra de negócio, então, essas pessoas que trouxeram, né, não somente isso, a gente resolveu o problema, né, e também trouxe pessoas para saber também como solucionar esse problema, então, a gente não só trouxe a solução, mas também trouxe mais pessoas para resolver em um futuro problema que vou ter aí, né, que tem a documentação, né, cada dia que você resolve um problema ali você tem aprendizado, então, eu acho que a solução foi essa, pessoas que realmente sabiam ali, foi investigado, né, pegando no bolo, me permitindo, né, elas tinham conhecimento, mas não é somente debugar, então, a gente teve que debugar alguns pontos, sim, mas tem que analisar o fluxo, por quê? Porque o fluxo denomina a regra de negócio, então, você tem a regra de negócio, analisa o fluxo para saber o que está de errado, porque aí você tem que fazer alterações nesse fluxo, né, ver se está realmente condizente, escolher algumas atividades, voltar algumas atividades do usuário para prosseguir para outro caminho do fluxo, né, então, isso ali demandou tempo, né, de pessoas que realmente tinham esse conhecimento.
[Pesquisador Q9]	Maravilha. A próxima pergunta, nessa sala de guerra, em que você atuou, foi necessária cooperação externa de outras equipes, outras empresas, clientes, para a solução do problema? E por quê? Caso tenha havido necessidade.
[Entrevistado]	Nessa específica, não, nessa específica, não.
[Pesquisador]	Não houve. Ok, maravilha. Só o time mesmo que estava envolvido, sem interno. Sem interno.

[Entrevistado]	e nem externo também.
[Pesquisador Q10]	Beleza. A próxima pergunta, a sala de guerra contribuiu para solucionar o problema mais rápido e por quê?
[Entrevistado]	Não, sim, com certeza, porque eu acho que quando a gente tem um problema e não se consegue resolver, ele precisa ser resolvido urgente, eu acho que uma mente, mais de uma mente pensa mais que uma, né, então tem pessoas ali capacitadas, todos competentes, com certeza vai surgir alguma solução para resolver aquele problema. Então, não somente a gente precisa de capacitação, mas também precisamos de pessoas que entendam como trabalhar em equipe, e também propondo soluções definitivas para resolver o problema em comum.
[Pesquisador Q11]	Maravilha. A próxima pergunta, como você entende que a sua experiência com salas de guerra influencia ou influenciou você como pessoa?
[Entrevistado]	Ah, peraí, você poderia repetir, fazendo favor?
[Pesquisador Q11]	Posso. Você entende que a sua experiência com salas de guerra influenciou ou influencia você como pessoa? Depois que você vivenciou essa experiência em salas de guerra, isso influenciou de alguma forma você como pessoa, não como profissional, no caso, como pessoa.
[Entrevistado]	Não, não, sim, sim, com certeza, como pessoa, isso eu posso dizer até mesmo durante o meu percurso profissional, não agora, mas eu acho que desde o começo, desde que eu era estagiário, essa questão de se envolver com a sala de guerra, com a equipe totalmente preparada ali para estar atuando naquilo ali, melhora, mostra como pessoas, por quê? Porque a gente aprende a conviver, a conhecer, a conhecer outras ideias, aprender a ver se o que você tem em mente ali realmente é o certo, que às vezes a gente acha que é bom para fazer, outra pessoa às vezes pode propor algo melhor. Então não é somente a gente ficar preso ali no que a gente acha que é certo e não ver a ideia do outro. Às vezes a gente pode somar as duas, as duas ideias e aplicar uma nova ideia, entendeu? Então eu acho que, eu digo isso para tudo, tanto na vida profissional quanto na vida pessoal, então eu acho que me mudou bastante, aprender ouvir mais, não somente falar, ouvir também.
[Pesquisador Q12]	Você acabou, acho que respondendo a próxima pergunta. A próxima pergunta era justamente essa, você entende que a sua experiência com salas de guerra influenciou sua forma de trabalhar?

[Entrevistado]	<p>Sim, com certeza. Respondendo já pegando o gatilho, que eu acho que eu comentei na pergunta anterior, influenciou bastante, porque a partir do momento que eu comecei a ver que eu alcancei não somente o nível de senilidade em questão, para estar trabalhando dentro de uma equipe, a gente tem que entender o seguinte, que a gente não é o detentor de todas as tecnologias, não é o detentor de todo conhecimento. Então você sempre tem alguma coisa para aprender. Então sempre que eu puder, eu posso ser a pessoa designada para tal atividade, porque a pessoa viu você é a melhor pessoa para estar encarregada, eu fui encarregado sim, mas se eu tiver que pedir, não estou entendendo isso aqui, eu vou chegar na maior humildade, vou perguntar, vou tentar, lógico, vou tentar ver o problema, se eu não conseguir, vou ter que chegar em uma pessoa, ver qual que é o ponto de vista dela, para a gente trabalhar em equipe para resolver um problema.</p>
[Pesquisador Q13]	<p>Maravilha. Maravilha. A próxima pergunta é quais habilidades pessoais ou profissionais ou e e ou, né, habilidades pessoais e profissionais você considera essenciais para um profissional de software atuar em uma sala de guerra? Você quer que eu repita? Quais habilidades podem ser pessoais ou profissionais ou ambas as duas, tá? Pessoais e profissionais você considera essenciais para um profissional de software atuar em uma sala de guerra?</p>
[Entrevistado]	<p>Primeiramente, pegando a pessoa que, em competências pessoais, ela tem que ter, primeiramente, o senso, ela tem que saber ouvir, a hora de falar é a hora de ouvir, mas isso aí se resume em uma palavra, saber ter respeito, ter uma qualidade de saber respeito, ter senso na hora de conversar, respeitar o próximo dentro dessa sala de guerra, se portar como um profissional, não fazer brincadeiras, eu acho que isso enquadra em respeito, mas acho que eu estou só detalhando essa questão. E também, em qualidades pessoais, ser uma pessoa audível, acho que o termo seria esse mesmo, que saiba ouvir aquilo dentro da sala. Agora, levando em consideração as competências profissionais, um profissional de software, ele tem que ter a linha de raciocínio muito apurada, tem que ter essa linha de raciocínio muito apurada, tem que ter o senso de lógico também muito apurado, tem que, sem saber a linguagem, ele tem que dominar, vamos supor, ainda mais se for um profissional acima de pleno, ele tem que dominar um certo nível de, vamos supor, vamos colocar certos níveis aí, 1, 2 e 3, ele tem que dominar, no mínimo, o 2, eu estou colocando assim só que a gente sabe, que a gente tem pleno, sênior, sênior 1, sênior 2, e assim vai. Ele tem que dominar aquilo ali porque, querendo ou não, não é só saber trabalhar em equipe, ele tem que saber o que ele está fazendo, então ele tem que saber dominar a</p>

	linguagem, dominar as competências que ele está atuando ali, então seria isso.
[Pesquisador Q13]	O emocional e psicológico você acha também importante?
[Entrevistado]	Não, não, com certeza, foi até bom você ter citado, está deixando passar. O emocional e psicológico tem que ser porque a gente não pode misturar a nossa vida pessoal com a vida profissional, então assim, não adianta nada você vir trabalhar e pensando, ai meu Deus, eu vou brigar com a minha mulher hoje, tem que estar bom de cabeça, não adianta você querer misturar alguma coisa, e vice-versa, mas...
[Pesquisador Q13]	Se você não estiver emocionalmente equilibrado, vai ficar difícil você pensar, é, participar de uma sala assim.
[Entrevistado]	Ainda mais nós, profissionais, que estão no ramo da tecnologia, tem que ter a cabeça 100% atenta, por quê? Porque a gente já quebra a cabeça pensando em lógicas de programação, tentando resolver um problema, implementação, manutenção, ainda mais quando a gente vê, vamos colocar um exemplo aí, se o nosso servidor, quando o servidor cai, quando está fazendo manutenção, então assim, tudo isso ai tem que estar, tem que ser resolvido rápido, a gente tem que ter a cabeça, tem que ter pensamento rápido e eficiente.
[Pesquisador]	Certo, maravilha. Então a gente chegou ao final da nossa entrevista, muito obrigado pela participação, foi de grande valia, foi um prazer, e até lá.
[Entrevistado]	Certinho. Um grande abraço.
[Pesquisador]	[nome omitido] Valeu, um abraço, um prazer, obrigado, até lá.